

O PRAGMATISMO ESTÉTICO E SOCIAL DE JOHN DEWEY

Clóvis Falcão

Professor da Faculdade Damas da Instrução
Cristã. Doutor em Direito pela UFPE.

Resumo. Numa divisão tradicional, a estética, a epistemologia e as questões sociais ocupam campos teóricos distintos. Embora esses campos se relacionem com frequência na literatura, poucas vezes são tão unidos quanto na filosofia de John Dewey. Para este autor, um iluminista no sentido mais poético do termo, a compreensão do mundo é estética, e o conhecimento científico pressupõe, em última instância, a intuição típica do artista. Nessa visão unitária do conhecimento e da natureza humana, a estrutura socioeconômica é a grande responsável pela cisão, na filosofia e na cultura em geral, entre verdade e beleza. Este texto é um breve resgate da filosofia de Dewey e, indiretamente, da união intuitiva que caracteriza as primeiras décadas do pragmatismo filosófico.

Palavras-chave. Pragmatismo – John Dewey – Estética – Ética – Epistemologia

Abstract. In a traditional division, aesthetics, epistemology and social issues are different theoretical fields. Although these fields relate frequently in literature, they are seldom as united as in the philosophy of John Dewey. For this author, the Enlightenment more poetic sense, understanding of the world is aesthetic, and scientific knowledge presupposes ultimately, the typical artist's intuition. In this unitary view of knowledge and of human nature, the socio-economic structure is largely responsible for the breakup, in philosophy and culture in general, between truth and beauty. This text is a brief review of Dewey's philosophy and, indirectly, the

intuitive unity that characterizes the early decades of philosophical pragmatism.

Keywords. Pragmatism – John Dewey – Aesthetics – Ethics – Epistemology

1. Introdução

John Dewey é, por ordem cronológica, o terceiro dos mais importantes pragmatistas clássicos. Ele foi responsável pelo amadurecimento da filosofia pragmática e também pela sua expansão para âmbitos sociais e políticos. Sendo um libertário convicto, traz a epistemologia para a praça pública, defendendo uma ordem social que rejeita dogmas e tolera a mudança. Essa associação entre filosofia e ideias libertárias sugere o pragmatismo como uma filosofia do Estado liberal; nem sempre essa associação é elogiosa, mas tem fundamento. Os ideais da filosofia pragmática, especialmente com James e Dewey, pregam o pluralismo e tolerância em assuntos públicos e privados, valorizando a intuição e a prudência da prática e do senso comum.¹ Embora seja possível uma associação dos valores pragmatistas a outras formas de sociedade, a democracia liberal e o pragmatismo filosófico se alinham harmoniosamente. Não obstante, a democracia é vista

¹ Para uma compreensão histórica do pragmatismo filosófico, o premiado livro de Louis Menand, "The metaphysical club" (2001).

por Dewey como um processo de construção de consenso e liberdade, e não uma ferramenta da prosperidade econômica. Um consumismo hegemônico que transforme o cidadão em produto é o oposto do liberalismo que ele defende. Ele é um libertário iluminista, não um defensor do liberalismo econômico.

A obra do autor é vasta e, em muitos momentos, densa. Quando escreve filosofia,² não é um escritor claro como William James, e sua argumentação raramente é linear, volta constantemente aos mesmos assuntos e beira a monotonia. Somado a isso, não é um autor que se preocupe em definir os termos centrais de sua argumentação, preferindo que o leitor (e ele próprio) descubra o significado enquanto a ideia é exposta. Em um texto como "*Art as experience*", cada capítulo parece trabalhar toda a problemática do livro, posto que elementos centrais se repetem em toda a extensão da obra (experiência, compatibilidade entre utilidade e prazer, insuficiência do racionalismo para avaliar a arte, a crítica política das dicotomias). Essas considerações são uma crítica, mas não necessariamente negativa: assim como a informalidade de

² Seus ensaios políticos, especialmente os mais curtos, possuem uma linguagem mais direta, mas não se trata primordialmente deles aqui.

James, o hermetismo de Dewey esconde uma mente capaz de concentrar informações e reflexões de forma única e criativa. Há um método, mas não é linear; é visceral, intuitivo e também original. Ele pensa enquanto escreve, e no meio de discussões abstratas aparecem cortantes reflexões sobre os mais variados temas. Dewey, mais do que qualquer outro autor, personifica a riqueza intuitiva do pluralismo pragmático.

A característica mais visível de John Dewey é o combate aos dualismos, símbolos do exagero racionalista. A lógica, para ele, é um instrumento de sobrevivência, que auxilia o ser humano a dominar um mundo em constante mutação e a viver em comunidade. Para o autor, tudo está conectado, e não há separação absoluta entre prática e teoria, razão e emoção, indivíduo e comunidade, subjetivo e objetivo, ciência e senso comum, utilidade e beleza, pensamento e matéria etc. Valorizando, como William James, a intuição, tem no conceito de experiência o norte para todas as suas reflexões: a experiência imediata é irreduzível a qualquer conceito, visto que o conceito é sempre parcial e a experiência, por definição, é uma totalidade. Na experiência imediata, o ser entra com todos os seus sentimentos, pré-conceitos, filosofia, valores morais e estéticos, e só depois, tendo em vista a utilidade, essa experiência é traduzida em conceitos. Passado e futuro se encontram na experiência

imediatas, que serve como apoio das memórias passadas e impulso para o futuro.

Esse valor dado à intuição, a ideia de uma realidade que vem em fluxo e a insuficiência dos conceitos para captar toda a realidade (não obstante sua utilidade) está presente em muitos autores apresentados como pragmatistas, mas em Dewey ganha corpo. Várias de suas obras (ou todas) mantêm essas importantes características, e aqui tais qualidades serão expostas a partir de dois de seus textos: um ensaio curto chamado "*Qualitative thought*" e um monumental trabalho sobre estética: "*Art as experience*".

2. Pensamento qualitativo e pensamento quantitativo

Em "*Qualitative thought*" (1931), John Dewey, avesso a dicotomias, curiosamente parte de uma dicotomia entre duas formas de pensamento: a qualitativa e a quantitativa. A primeira se refere a um pensamento total, sem compartimentos, englobando todos os aspectos da experiência. Já a última, quantitativa, corresponde ao raciocínio analítico que, utilizando conceitos, compartimenta a experiência e torna eficiente a ação. As duas formas de pensamento são essenciais e se complementam, mas o pensamento qualitativo tem ascendência sobre o quantitativo, uma vez que a função deste, depois de destacado da experiência, é retornar e

enriquecer a própria experiência, ou seja, contribuir para um aumento qualitativo.

O quantitativo está para o qualitativo como a forma para o conteúdo, ou a parte para o todo -- desde que se tenha em mente que a soma das partes não é igual ao todo. A compreensão do todo é um pressuposto da análise, pois, para separar em partes, é necessário conhecer como algo pode ser dividido sem perder a unidade. Tomando como exemplo um texto, cada termo tem seu próprio significado, mas apenas ao observar o texto completo é possível captar a importância daquele para a mensagem, e é para a mensagem que o termo existe; sem ela, o termo nada sinaliza. A filosofia analítica da linguagem, na busca pelo átomo linguístico, parece não perceber que o contexto faz parte do texto, e que a fragmentação da experiência pressupõe a vivência. A análise pressupõe a compreensão, isto é, o pensamento quantitativo pressupõe o pensamento qualitativo

O pensamento quantitativo é também útil. O ideal analítico pode ter cometido o pecado de ser excessivamente racionalista, mas não se pode negar a eficiência do cálculo racional -- e nada é mais pragmático do que o uso eficiente dos recursos para sobrevivência. Dewey não nega a importância da razão analítica, nem é inimigo da técnica científica. Ele acreditava seriamente no progresso científico em todos os campos e, como Charles S. Peirce, desenvolve uma

filosofia baseada no método experimental. Sendo um legítimo representante do iluminismo renovado, tanto o falibilismo quanto a esperança de que a ciência é o melhor instrumento do progresso estão presentes na obra do autor.

Reconhecida a eficiência, é necessário também reconhecer que o pensamento quantitativo possui limitações quando é aplicado a situações distintas daquelas para as quais foi pensado. O método de análise e classificação, de causa e efeito, é uma ferramenta com um propósito, e ignorar o propósito é ignorar a inevitável dependência do contexto. As categorias da arte não são adequadas para a ciência natural, assim como as categorias da ciência natural não cuidam sozinhas de um debate jurídico. Como nenhum método é estático, é possível intercâmbio entre diferentes âmbitos, resultando em novas formulações teóricas (como a análise econômica do direito), mas essas novas formulações também terão uma aplicação restrita. Não existe uma ciência do todo, seja quantitativa ou qualitativa.

A filosofia analítica erra ao supervalorizar o caráter científico do pensamento filosófico, pois transforma os meios em fins, perdendo de vista por que em primeiro lugar procurou ser científica. O método científico só é útil na medida em que preenche expectativas valorativas, como a objetividade, a segurança, a exatidão, a simplicidade e a compatibilidade com os dados sensíveis. A valorização

excessiva do método isola esses valores e os considera superiores aos demais, mas esquece que estes entram no jogo geral das preferências. Separar o conhecimento do julgamento é problemático, pois conhecer é fazer um julgamento de adequação de meios e fins, fatos e valores, que no caso são valores científicos. É impossível garantir que tais valores, ao longo do tempo, permanecerão separados dos demais valores culturais. Vejam-se, por exemplo, as relativamente recentes preocupações éticas com o meio ambiente ou com as descobertas da engenharia genética, que entram no debate científico com uma força considerável, embora não se relacionem diretamente com a eficiência do método. A ciência depende de valores não porque a axiologia seja mais importante que a epistemologia, mas porque o pensamento científico é um instrumento cuja eficiência para a experiência pode ser posta em questão. Investe-se e se crê na ciência não por ela possuir um status ontológico privilegiado, mas por ser uma ferramenta eficiente para determinados propósitos.

Dewey, quando condiciona o pensamento quantitativo ao pensamento qualitativo, também reconhece que os momentos não são nada sem a visão de conjunto. Para ele, apenas na totalidade da experiência os conceitos expressam seu sentido, e o ideal científico precisa de um componente pré-científico que, de certa forma, o molda. Assim, o método racional em si mesmo seria, para o autor,

desprovido de sentido, pois o método nasce com um propósito que, se ignorado, prejudica sua evolução ou contribuição com outros contextos. Sem essa compreensão hermenêutica, a ciência seria apenas técnica sem alma.

A existência do pensamento qualitativo indica a insuficiência da lógica para captar todas as nuances da experiência. Essa ideia tem consequências para além da teoria do conhecimento. Em "*Art as experience*", Dewey mostra como a visão pragmática pode ser ampliada para outros campos. Ver-se-á, na análise que segue, como o autor consegue conectar uma intuição filosófica com uma crítica social e política. Essa ponte é a natureza estética da experiência.

3. A estética social de Dewey

A obra de John Dewey chamada "*Art as experience*", publicada em 1934, é um denso e rico tratado de filosofia da arte, e um dos últimos grande ensaios publicados pelo autor. Nesse livro, é apresentado um pragmatismo maduro, pluralista sem perder a unidade, filosófico sem perder o caráter social e também político. Não se trata apenas de um livro sobre arte; trata-se de uma obra que, juntamente com "*Experience and nature*", publicada alguns anos antes, desenvolve à perfeição o conceito de experiência e a natureza instrumental do pensamento quantitativo. A sensação estética, tema principal, não é considerada uma característica acidental da experiência humana, algo que pode ser

sobreposto à experiência pura. Para Dewey, que valoriza tanto a intuição, a arte não representa apenas um momento da experiência, mas o momento crucial dela, em que a intuição transcende o objeto intuído, sem se separar do objeto intuído. Compreender a arte é compreender a própria existência, na medida em que toda experiência é um transcender da matéria, e todo tempo presente concentra o passado e antecipa o futuro. A experiência artística mostra como a intuição não é nem passiva, nem solitária.

Foge aos propósitos do artigo analisar por completo uma obra tão densa. Para a discussão aqui desenvolvida, o que interessa em "*Art as experience*" é como Dewey faz a passagem de uma filosofia abstrata para a crítica social e política, elementos nem sempre discutidos em conjunto no campo filosófico. Isso só é possível porque a epistemologia e estética do autor é também social. Ela será apresentada em três etapas. I) A ciência como arte; II) Crítica social; III) Estética da ordem pública.

3.1 A ciência como arte

Como exposto, John Dewey critica o exagero intelectualista e a separação entre pensamento qualitativo e pensamento quantitativo. Para o autor há, em toda e qualquer experiência, mesmo as carregadas de categorias e raciocínios exatos, um horizonte qualitativo que não deve ser ignorado.

Na discussão da ciência como arte em "*Art as experience*", recoloca-se do problema discutido em "*Qualitative thought*". Há uma rica passagem que esclarece a conexão:

Aqueles especialmente afeitos ao pensamento como ocupação estão conscientes de que quando eles observam os processos de pensamento, ao invés de determinar dialeticamente o que eles devem ser, a sensação não é limitada dessa forma. Diferentes ideias carregam diferentes "sensações", suas características qualitativas imediatas, tanto quanto qualquer outra coisa. (...) Sempre que uma ideia perde sua sensação imediata, deixa de ser uma ideia e passa a ser, como um símbolo algébrico, um mero estímulo para executar uma operação sem precisar pensar. (...) Quando há [por outro lado] genuína mestria na pesquisa científica e na especulação filosófica, um pensador procede não de acordo com as regras, nem cegamente, mas de acordo com significados que existem imediatamente

como sensações tingidas de qualidades.
(Dewey, 1980, 119-120) ³

Para Dewey, é possível e necessário que a experiência seja intensa, rica. Só assim o ser humano compreende seu lugar e o papel do intelecto na natureza, realizando-se plenamente. A partir do momento em que se separam as coisas práticas das coisas belas, são empobrecidas tanto a técnica quanto a beleza. Se, em "*Qualitative thought*" o autor se preocupa em revelar as falhas do intelectualismo, em "*Art as experience*" ele recupera a qualidade dos conceitos através da percepção estética. Nesta última também se denuncia a pobreza de um pensamento formal e sem conteúdo, acrescentando a maneira como o pensamento quantitativo pode ser reinserido no fluxo da experiência. Compreendendo

³ Those who are especially addicted to thinking as an occupation, are aware when they observe the processes of thought, instead of determining by dialectic what they must be, that immediate feeling is not limited in its scope. Different ideas have their different "feels", their immediate qualitative aspects, just as much as anything else. (...) Whenever an idea loses its immediate felt quality, it ceases to be an idea and becomes, like an algebraic symbol, a mere stimulus to execute an operation without the need of thinking.(...) When there is genuine artistry in scientific inquiry and philosophic speculation, a thinker proceeds neither by rule nor yet blindly, but by means of meanings that exist immediately as feelings having qualitative color.

a existência humana como a adaptação do organismo vivo ao ambiente, compreendem-se as teorias científicas como instrumentos num horizonte qualitativo.

Eu tenho de tempos em tempos trazido a concepção do conhecimento como sendo "instrumental". Significados estranhos foram imputados a essa concepção pelos críticos. Seu conteúdo real é simples: o conhecimento é instrumental para o enriquecimento da experiência imediata através do controle da ação exercida por ele. (Dewey, 1980, p. 290)

4

Instrumental, para Dewey, é aquilo capaz de controlar a ação, torná-la mais efetiva, permitindo ao organismo atingir seus fins empregando menos esforço. A arte é um instrumento de comunicação que concentra, no objeto sensível, cultura, sentimentos, técnica, e estabelece uma comunicação íntima entre artista e espectador que não poderia ser obtida de outra forma. O conhecimento científico,

⁴ I have from time to time set forth a conception of knowledge as being "instrumental". Strange meanings have been imputed by critics to this conception. Its actual content is simple: knowledge is instrumental to the enrichment of immediate experience through the control over action that it exercises.

por seu turno, tem a função de dar ordem às ações que, desordenadas, fariam o sujeito desperdiçar energia. Essa última observação contém uma informação relevante: assim como a arte é importante para a ciência, a ciência é importante para a arte.

O aspecto qualitativo é evidentemente necessário na intuição artística, mas a técnica também é essencial à construção de uma obra de arte. Se os valores são essenciais para recolocar a ciência no fluxo de experiências, o conhecimento técnico também é essencial para materializar a inspiração artística. Às vezes, pelo tom de certos trechos, fica a impressão de que experiência estética é puramente qualitativa mas, na verdade, o autor crê numa dependência recíproca entre pensamento qualitativo e pensamento quantitativo. Uma compreensão total de mundo que valorize exclusivamente os aspectos qualitativos ou os aspectos quantitativos do pensamento deixa de perceber que todos os instrumentos culturais fazem parte do mesmo caldo de experiências. Os assuntos humanos, de todas as naturezas, se integram natural e necessariamente.

As artes da ciência, da política, da história, e da pintura e da poesia, todas têm no fim das contas o mesmo *material*, este é constituído pela interação do ser vivo com aquilo que o cerca. Elas diferem quanto os meios que

empregam e expressam esse material, não quanto ao próprio material (...) A ciência usa o meio que é adaptado ao propósito de controle e previsão, de aumento da capacidade; isso é uma arte. Dadas condições particulares, essa matéria pode também ser estética.⁵ (Dewey, 1980, p. 319-320, destaque no original.)

Embora coerente, surgem dificuldades na compreensão dessa tese. Posto que seja um erro grosseiro consagrar a separação entre pensamento e matéria, sujeito e objeto, arte e ciência e, além do mais, essas separações contrariem a própria natureza humana, surgem algumas perguntas. Se são contra a natureza da experiência essas separações ontológicas, por que a humanidade as repete com tanta frequência, e por que a filosofia cai em suas armadilhas?

⁵ The arts of science, of politics, of history, and of painting and poetry all have finally the same *material*, that which is constituted by the interaction of the live creature with his surroundings. They differ in the media by which they convey and express this material, not in the material itself. (...) Science uses the medium that is adapted to the purpose of control and prediction, of increase of power; it is an art. Under particular conditions, its matter may also be esthetic.

Por que o sujeito e as civilizações se enganariam de forma tão grosseira, e de forma recorrente?

Não se trata de erros grosseiros, mas de dicotomias funcionais. A ideia de que o ser humano possui um espírito separado do corpo, por exemplo, permite se ver como algo mais digno do que uma rocha, e uma razão separada da emoção ressalta a capacidade de agir com equilíbrio e eficiência. Cada uma dessas dicotomias possui uma função; o errado é entender as dicotomias para além dessa função, compreendendo mal a finalidade. Dito de outra forma, as utilidade dessas divisões conceituais depende do contexto. É por isso que, para compreender as contradições da experiência humana, devem ser considerados todos os elementos relevantes de um contexto, seja ele individual ou social, conceitual ou histórico. Determinadas contradições da experiência só podem ser explicadas com referência à situação social, logo, uma análise filosófica das contradições do nosso tempo precisa incorporar fatores sociais. É com isso em mente que o pragmatismo de Dewey é também uma crítica social, ampliando significativamente o alcance de sua filosofia.

3.2 Crítica social

O mais notável na obra de John Dewey é sua capacidade de refletir criticamente sobre a sociedade usando

os conceitos básicos do pragmatismo. As distinções entre quantitativo e qualitativo geram uma tese coerente, mas é um discurso de filósofos dirigido a filósofos. Com Dewey, o aguçado senso crítico não se resume ao abstrato, pois passa harmoniosamente deles para a pedagogia e a teoria social, ampliando a filosofia que já havia sido ampliada por James e levando-a para um público muito maior. Não se trata apenas de uma filosofia estética, mas também de uma estética social, que à sua maneira ataca as contradições e desigualdades da sociedade capitalista.

Para Dewey, a interação entre organismo e meio ambiente é conflituosa: há um impulso vital que impele o ser à ação, e este se depara com a resistência do meio em que se situa. A vida é a constante superação dos obstáculos impostos pelo meio, um processo de incessante apropriação e alteração dos elementos do ambiente pelo ser vivo, que usa as ferramentas à disposição. Alguns seres possuem garras e asas, o ser humano possui a razão e a cultura; há diferenças óbvias entre a forma como humanos e animais selvagens lidam com o ambiente, mas o processo de ação e reação (*action and undergoing*) está presente na vida em geral.

Com a razão e a cultura, a interação do ser humano com meio ambiente é mais complexa do que a dos demais animais, pois o homem vive em uma comunidade e interage com ela através de símbolos. Ao transcender as limitações

materiais, a espécie humana separa natureza e cultura, mas o mundo cultural também é natural na medida em que é, ele próprio, resultado de impulsos vitais. As artes, a ciência, a religião, o direito, a filosofia, a economia são resultado da capacidade natural dos homens de interagir através de símbolos. O ambiente natural do ser humano é também cultural, logo, uma teoria que explique a cultura humana separada do instinto natural é equivocada, assim como o é uma teoria que explique o instinto humano sem referência à resistência que esse instinto encontra na cultura.

Quebrada a dicotomia entre natureza e cultura, compreende-se por que Dewey liga a epistemologia e a estética à moral, à economia, à política e ao direito: a continuidade entre os âmbitos exige que o entendimento sobre o animal humano abranja também os objetos da cultura. O direito, a moral, a religião, a filosofia são mecanismos racionais e também instrumentos de sobrevivência. O salto da epistemologia para a moral através da estética não é, para Dewey, nenhum malabarismo retórico: é um passo necessário e até mesmo inevitável.

Posto isso, já é possível questionar a insistência do ser humano com as dicotomias. É curioso perceber que a filosofia e a cultura de maneira geral transformam e elevam as dicotomias acima da sua função específica e criam seus próprios dogmas, numa (evidente?) violação do princípio

natural da continuidade. Sendo a natureza humana contínua e os elementos da cultura apenas instrumentos no fluxo da experiência, por que tantas vezes as palavras deixam de ser símbolos e se tornam objetos, e termos como "direitos subjetivos" são tratados como entidades independentes?

Dewey não se contenta com a explicação psicológica de que o ser humano precisa de segurança e, nisso, reificaria os conceitos para parar o tempo e se sentir no controle do ambiente. Essa explicação não é errada, até esclarece muitas reificações na teoria do direito, mas não funciona tão bem como crítica social. Para o pragmatista, a cisão e o empobrecimento da experiência humana em trabalho e lazer, estética e técnica se encontra no meio econômico e cultural. Não é o indivíduo que escolhe ser uma máquina de produção procurando conforto psicológico; é o ambiente social que não lhe dá alternativa. Dewey não se refere a um ambiente abstrato; sua observação é cortante porque ele explicita as feridas da sociedade em que vive.

O controle oligárquico do lado de fora dos processos e dos produtos do trabalho é o fator mais importante para impedir o trabalhador de ter um interesse íntimo naquilo que faz e produz, e que é um pré-requisito essencial da satisfação estética. Não há nada na essência da produção com

máquinas que seja um obstáculo insuperável à tomada de consciência do trabalhador sobre o que ele faz e à satisfação pelo companheirismo e o trabalho bem feito. As condições psicológicas resultantes de um controle privado do trabalho de outros homens para fins de lucro pessoal, mais que qualquer lei psicológica ou econômica, são os fatores que suprimem e limitam a qualidade estética da experiência que acompanha os processos de produção.⁶ (Dewey, 1980, 343-344)

⁶ Oligarchical control from the outside of the processes and the products of work is the chief force in preventing the worker from having that intimate interest in what he does and makes that is an essential prerequisite of esthetic satisfaction. There is nothing in the nature of machine production *per se* that is an insuperable obstacle in the way of workers' consciousness of the meaning of what they do and enjoyment of the satisfaction of companionship and of useful work well done. The psychological conditions resulting from a private control of the labor of other men for the sake of private gain, rather than any fixed psychological or economic law, are the forces that suppress and limit esthetic quality in the experience that accompanies processes of production.

Pouco antes, no mesmo texto, sobre a sugestão de aumentar a quantidade de horas de lazer para propiciar uma existência mais rica ao indivíduo:

As questões de trabalho e emprego com as quais somos tão familiarizados não podem ser resolvidas com uma mera mudança de salário, horas de trabalho e condições sanitárias. Nenhuma solução permanente é possível, salvo uma radical alteração social que modifique o grau e tipo de participação que o trabalhador tem na produção e na disponibilidade social dos bens que produz. (...) A ideia de que o problema básico [de oferecer ao trabalhador uma existência mais rica] pode ser resolvido meramente pelo aumento das horas de lazer é absurdo. Uma ideia como essa meramente reproduz o antigo dualismo entre trabalho e lazer.⁷ (Dewey, 1980, p. 343)

⁷ The labor and employment problem of which we are so acutely aware cannot be solved by mere changes in wage, hours of work and sanitary conditions. No permanent solution is possible save in a radical social alteration, which effects the degree and kind of participation the worker has in the production and social disposition of the wares he produces. (...)

É uma opinião cristalina. O problema filosófico não está separado do problema social, e o problema teórico da divisão entre técnica e estética é causado por um sistema de produção que, para fins de eficiência, separa o tempo do lazer e o tempo do trabalho. A filosofia fornece uma ideia básica que permite enxergar com mais clareza o problema, mas não é uma questão a ser resolvida exclusivamente pela filosofia, no campo das ideias. A estrutura social tem reflexo no mundo das ideias com as dicotomias que impedem a fluidez do raciocínio, mas a causa da divisão é encontrada na prática. Em sintonia com os fundamentos do pragmatismo, Dewey crê que somente uma mudança nos hábitos é capaz de mudar as crenças; sem uma mudança substancial da ação, nenhuma filosofia pode livrar a humanidade dos dualismos.

Essas reflexões parecem deslocadas num livro sobre arte, mas essa impressão se desfaz quando se compreende a natureza social da estética por ele proposta. Para construir uma ordem social, é preciso supor uma ordem social, numa antecipação semelhante à projeção (ou antecipação de sentido) da hermenêutica filosófica. Essa intuição da totalidade é estética, e a realização concreta dela também é

The idea that the basic problem can be solved merely by increase of hours of leisure is absurd. Such an idea merely retains the old dualistic division between labor and leisure.

carregada de qualidades estéticas, já que aspira ao universal. A obra de arte, ao despertar esses sentimentos, desperta não somente o prazer sensível, mas também o pertencimento a uma cultura, a ligação entre artista e espectador num objeto que é, de certa maneira, uma miniatura da compreensão do homem sobre si e seu meio. Uma boa obra de arte é aquela que permite ao observador ultrapassar as qualidades imediatas e perceber o universal; nesse processo, o espectador também é artista, na medida em que contribui com suas próprias concepções e com a disposição para perceber a substância por trás das formas. "[A civilização] é uma questão de comunicação e participação em valores da vida por meio da imaginação e participação, e obras de arte são o meio mais íntimo e potente para auxiliar indivíduos a compartilhar as artes da vida". (Dewey, 1980, p. 336)⁸

A arte cumpre a função social de reforçar os sentimentos coletivos, ao mesmo tempo que o indivíduo, vendo a si mesmo na obra de arte, enriquece suas experiências particulares. Essa função da arte para o sentimento de

⁸ [Civilization] is a matter of communication and participation in values of life by means of the imagination, and works of art are the most intimate and energetic means of aiding individuals to share in the arts of living. Civilization is uncivil because human beings are divided into non-communicating sets, races, nations, classes and cliques.

coletividade e para a ordem social é a resposta pragmática de Dewey aos problemas da ordem pública em uma sociedade plural.

3.3 A estética da ordem pública

O mesmo princípio de unidade que permite ao autor diagnosticar os problemas políticos e econômicos também o capacita a compreender a função dos símbolos sociais na manutenção da ordem pública. A arte, como meio de comunicação, permite aos cidadãos compartilharem as coisas da vida, posto que os objetos de arte são símbolos da transcendência e testemunhas materiais da história. Não obstante, como já visto, a experiência estética não está apenas na prática social que leva o nome de arte (pintura, escultura, música, artes cênicas etc.), mas em tudo aquilo que enriquece a experiência com um sentido, um propósito. Todos os símbolos sociais dotados de significado, ainda que não se enquadrem na definição usual da arte, são fonte de experiência estética.

Os monumentos públicos, os edifícios suntuosos, as vestes de autoridade, todos são mais do que a matéria de que são compostos. A cultura os tinge de significado, transformando-os em símbolos de práticas sociais e instrumentos que publicizam essas práticas. Para que sejam tingidos, é necessário uma disposição dos participantes, uma

disposição ao universal que é moldada de acordo com cada cultura. Cada contexto cultural produz seus próprios símbolos, que variam na forma, mas não na matéria: são todos expressões sensíveis do sentimento de grupo. Cada cultura possui vários deles, diferentes quanto à complexidade, extensão do significado, função a que se destinam, entre outros fatores, mas eles em conjunto são a concretização necessária do sentimento de grupo. É por isso que, para Dewey, a forma mais efetiva para conhecer uma outra cultura é estudar sua arte.

Essa linha de raciocínio não é estranha à filosofia do direito, uma vez que o direito é essencialmente simbólico. Uma constante a várias leituras do direito -- sejam liberais, marxistas, positivistas ou jusnaturalistas -- é que o direito é composto de signos. A norma é um signo de autoridade, carregado de valor e com consequências materiais, e dependente da suposição de validade por parte de seus destinatários. Muitas vezes, o valor de uma lei é meramente estético, pura imagem, não sendo por isso menos útil à ordem social.

A Carta Magna é tida como o grande estabilizador político da civilização anglo-saxã. Mesmo assim, ela operou mais com base no **significado advindo da imaginação** do que pelo seu conteúdo literal. Há

elementos passageiros e elementos duradouros numa civilização. As forças duradouras não são separadas: são funções de uma miríade de incidentes passageiros, uma vez que os os últimos são organizados em significados que moldam as mentes. A arte é a grande força que efetiva essa consolidação. (...) **Os comandos religiosos e o poder do direito são eficazes enquanto investidos de uma pompa, uma dignidade e uma majestade que são produto da imaginação.** Se os costumes sociais são mais que ações rotineiras, é porque elas são carregadas de história e transmitem significado. (Dewey, 1980, p. 326, destaque meu) ⁹

⁹ The Magna Carta is held up as the great political stabilizer of Anglo-Saxon civilization. Even so, it has operated in the meaning given it in imagination rather than by its literal contents. There are transient and there are enduring elements in a civilization. The enduring forces are not separate; they are functions of a multitude of passing incidents as the latter are organized in the meanings that form minds. Art is the great force in effecting this consolidation. (...) The ordinances of religion and the power of law are efficacious as they are clothed with a pomp, a dignity and a majesty that are the work of imagination. If social customs are more than

É especialmente intencional o uso do termo "imaginação", pois o autor poderia ter utilizado "significado", "sentimento", "respeito", "contexto", e então esse trecho não suscitaria maiores reflexões. Porém, com a escolha desse termo, Dewey leva até o limite a concepção pragmática estética o inspira. Supõe o autor que, para ter eficácia prática, para agir e representar uma sociedade, muitas vezes basta a imaginação, assim como James se referiu à fé em "The will to believe" (1912). Assim como este, o autor de "*Art as experience*" não acredita numa ordem social apenas estética, somente sustentada pela imaginação, mas considera a imaginação um componente válido na totalidade da experiência. Sua eficiência da experiência estética na construção da ordem pública não pode ser negada, seja para a manutenção (p. 326), seja para a renovação dos paradigmas de ordem: frise-se que a arte pode alimentar atitudes a favor e também contra a ordem estabelecida (p. 348).

Num artigo chamado "*John Dewey's social aesthetics*", de 2005, o professor Jason Kosnoski destaca, em vários momentos da obra do pragmatista, os elementos de uma teoria social derivada do abrangente significado que Dewey dá ao

uniform external modes of action, it is because they are saturated with story and transmitted meaning.

termo "estética". Como visto, o autor de "*Art as experience*" não se refere com esse termo apenas ao que usualmente é considerado arte, mas sim a qualquer experiência enriquecida pela noção de conjunto, de conexão com um todo indefinido. Kosnoski, baseando-se em obras diferentes das aqui citadas (como, por exemplo, "*Public and its problems*", de 1927), segue a mesma linha de raciocínio aqui desenvolvida.

Kosnoski analisa o caráter fragmentado do espaço público, e as consequências nefastas dessa fragmentação para o indivíduo, a moral, a arte, a filosofia, a religião etc. Com a modernização e a revolução industrial, em vez de se aumentarem a prosperidade social e a utilidade das informações, há uma generalizada confusão. As fontes de poder ficam camufladas, com as decisões distantes demais do dia-a-dia dos cidadãos e, com a interação impessoal da sociedade industrial, a grande sociedade não é uma verdadeira associação de indivíduos. Diz o autor:

Ele [Dewey] especificamente declara que, apesar de o indivíduo moderno possuir uma quantidade sem precedente de fatos e interpretações com as quais entender a sociedade, ele de fato permanece mais confuso do que nunca. (...) Isso resulta numa situação onde o público fica "perdido", um fenômeno que ao mesmo tempo desencoraja

a atividade política e leva os cidadãos a se tornarem cada vez mais dependentes das normas tradicionais que parecem prover estabilidade num mundo cada vez mais caótico. (Kosnoski, 2005, p. 195)¹⁰

Esse fracasso da sociedade capitalista é denunciado por Dewey em várias de suas obras, sempre reforçando que o indivíduo é vítima de um ambiente que não lhe deixa efetivar sua liberdade. As comunidades cresceram e agora são sociedades, que funcionam como um grande sistema de produção, em que a quantidade de bens é cada vez maior mas, paradoxalmente, a miséria aumenta. Mais do que isso, os valores morais e o senso crítico do indivíduo ficam prejudicados porque os elementos de sua experiência foram separados em compartimentos independentes -- lazer/trabalho, técnica/ética, indivíduo/sociedade. A quebra da continuidade da experiência causada pelo sistema de

¹⁰ He specifically stated that although the modern individual possesses a previously unheralded amount of facts and interpretations with which to understand society, he/she in fact remains more confused than ever before. (...) This results in a situation where the public becomes "lost," a phenomenon that both discourages political activity and leads citizens to become increasingly dependent upon traditional norms that seem to provide stability in an increasingly chaotic world.

produção impede a percepção estética da ordem social e a participação qualitativa do cidadão no meio do qual depende. Ao não ser dono de sua experiência, o indivíduo perde a visão do conjunto, fica confuso e sua vida fragmentada lhe impede uma existência com significado.

Essas últimas observações são a crítica da sociedade a partir da estética de Dewey, mas este ousa e acrescenta seus próprios elementos estéticos na explicação que dá à sociedade, enfatizando o caráter qualitativo de sua própria filosofia. Os elementos qualitativos por ele trazidos são o retorno à pequena comunidade e o modo de vida dos pioneiros da América do Norte.

Segundo Kosnoski, um dos erros mais comuns daqueles que interpretam a obra política de John Dewey é não perceber que muito do que ele fala não tem significado literal; para entender o que ele diz, é necessário captar todo o sentido figurativo. Isso não é à toa; como Dewey é um admirador dos aspectos estéticos da experiência, a leitura de sua obra precisa também de uma percepção artística.

Dewey defende que a solução para a fragmentação da sociedade industrial é estimular, através de um processo educativo abrangente, os sentimentos de participação típico das pequenas comunidades. O contato face a face implicaria uma interação mais genuína, permitindo ao indivíduo saber as causas e o resultado de suas ações, numa percepção mais

integrada e harmoniosa. Numa leitura não estética, pode-se pensar que o pensamento do autor é que, ou devemos promover uma ampla reforma social que elimine as grandes comunidades, ou possamos criar pequenas comunidades no seio da grande sociedade -- uma espécie de oásis de participação e tolerância no meio do deserto da sociedade industrial. Essas leituras são insuficientes, pois negligenciam o íntimo da experiência estética, isto é, a liberdade do indivíduo para que ele próprio construa sua visão de mundo. A mudança social profunda não pode ser planificada, "de cima para baixo", mas deve unir a liberdade mais simples do indivíduo com os temas mais gerais, "de baixo para cima".

À sociedade fragmentada, não bastam medidas isoladas, como a criação de associações de bairro ou redução da carga de trabalho semanal, pois o problema não reside pontualmente na inexistência de pequenas associações ou nas poucas horas de lazer. O problema social é mais profundo, pois já está condicionada a percepção do indivíduo sobre si e sobre seu meio. A mudança deve começar pela educação, em sentido amplo.

Maior perigo para o indivíduo do que a incapacidade de perceber o significado possuído por um objeto isolado reside na longa exposição a uma estética social fragmentada, que produz hábitos que inibem

a capacidade de perceber o sentido social (...) Ambientes inevitavelmente alternam entre períodos de harmonia e conflito, com ambientes harmoniosos apresentando claramente significados e ambientes conflituosos requerendo esforço extra para discerni-los. No entanto, a exposição exclusiva a uma estética social caótica deixa o indivíduo sem a experiência do "sentir" das relações entre ideias, e também sem a capacidade de construir essas relações. (Kosnoski, 2005, p. 202-203)¹¹

O problema, portanto, não é a contínua exposição a um ambiente caótico, mas os danos permanentes que essa exposição causa ao privar o indivíduo de seu senso estético. Antes de alterar a superestrutura social, é necessário alterar a

¹¹ The greater danger to the individual than the inability to perceive the meaning possessed by any individual thing lies in long exposure to fragmented social aesthetics, which produces habits that inhibit the ability to perceive social meaning (...) Environments inevitably alternate between periods of harmony and discord, with harmonious environments immediately admitting of meaning and chaotic environments requiring extra efforts to discern meaning. However, exclusive exposure to chaotic social aesthetics leaves the individual with no experience of the "feel" of the relationship of ideas, nor the ability to construct these relationships.

estrutura dos hábitos mais básicos dos indivíduos. É no sentido estético de ressignificar as práticas cotidianas que deve ser entendida a referência às pequenas comunidades, e não como um simples atavismo ou um projeto social de criar associações de bairro. Antes de marcar data, hora e local para decidir, por exemplo, o orçamento participativo, é necessário que as pessoas que participam da deliberação estejam preparadas para aquele foro de discussão. Uma disposição estética do indivíduo, construída passo a passo durante toda uma vida, faz-se necessária para sua participação ter um propósito.

Para explicar essa especial disposição do espírito, Dewey acrescenta à imagem das comunidades a imagem do colono (*American pioneer*), mas, uma vez mais, não como um mero elogio ao passado. Seu objetivo é mostrar que o espírito experimental, participativo e ambicioso do colono em suas comunidades deve servir de inspiração na criação de um novo individualismo, que renove, nas grandes sociedades, o sentimento de grupo e provoque mudanças. Três são as lições principais que podem ser tiradas do modo de vida dos colonos.

A primeira é que os colonos pioneiros também lidavam com uma grande quantidade de informações, mas elas estavam relacionadas. Como viviam em pequenas comunidades, o local onde comiam era próximo de onde trabalhavam, e um problema era ligado a outro. Sem uma

rígida divisão de tarefas e especialização, a eles era possível absorver e dar novo significado à grande quantidade de informações disponível. Em suma: a estrutura daquela sociedade não era fragmentada, e assim não se fragmentava o espírito.

A segunda característica é que eles não tinham medo da mudança, uma vez que eram a própria mudança. Como não havia um Estado estabelecido, novos problemas apareciam constantemente, e eles tinham que aprender a resolver caso a caso. Com uma predisposição estética favorável, o pioneiro espera as mudanças não em pânico, mas na esperança de enriquecer a própria experiência, mantendo a ordem diante dos desafios que surpreendem.

A terceira característica é o cultivo dessa predisposição nas ações mais mundanas, como no cuidado com a plantação. O ritmo mais pausado do seu dia-a-dia dá ao colono mais tempo para refletir, permitindo-lhe enxergar as conexões entre a ação física imediata e a ordem social da qual participa. O operário das fábricas não tem controle sobre o ritmo de seu trabalho, e isso lhe impede a reflexão.

Note-se que, com essa imagem, Dewey não fala do colono histórico, mas de uma recriação sua com base nas carências que ele encontra na sociedade do seu tempo. Não se trata de um plano político, uma teoria social complexa ou um relato histórico objetivo. Os males da expansão para o oeste

são deixados de lado. Sua recriação, apoiando-se numa ideia familiar do público a que se dirige, serve para despertar a reflexão; é uma construção estética, retórica. Como construção retórica, não cabem contra ela argumentos como "nunca houve comunidades como ele descreve" ou "só se ressaltaram os aspectos positivos dos colonos, e deixaram-se de lado os negativos". O jogo de linguagem aqui é outro, e visa, como uma obra de arte, despertar a intuição com a criação de uma imagem.

É claro que, em se tratando de uma teoria social, não pode ser formada apenas por elementos retóricos, metafóricos, alegóricos. Há convenções que devem ser seguidas, descrições de mundo que garantam a comunicação entre autor e leitor, reconhecendo os signos de ordem. Quando se fala na essência estética da ciência e da experiência como um todo, não se quer com isso declarar que tudo deva ser estético, tudo deva ser intenso, que cada experiência deva ser vivida com toda energia possível. Também não se pretende dizer que as teorias do direito e da política virem literatura de ficção. O que Dewey mostram com seu pragmatismo é a possibilidade de, na inexistência de crenças firmadas na comunicação intersubjetiva, não constitui um erro lógico preencher os espaços com criatividade. Pelo contrário, é até necessário, dada a necessidade da visão do conjunto. Esse preenchimento estético dos espaços, sendo adequado para situações de

incerteza, são uma válida alternativa ao ceticismo e ao relativismo de algumas filosofias contemporâneas.

3. Conclusão

John Dewey mantém as ideias centrais do pragmatismo clássico de Peirce e James, e acrescenta um grau de preocupação política e social que não apenas dá mais unidade a essas ideias, como também expande o pragmatismo para inéditos e relevantes âmbitos. Seus trabalhos, numerosos e abrangentes, sempre trazem a relação do homem com o meio, mas principalmente o meio social, cultural. O protagonismo deste último no pensamento do autor fica claro por dois fatores. Primeiro deles, suas discussões sobre outros assuntos, como a estética desaguardam, cedo ou tarde, nos temas sociais, e estes aparecem como causa principal dos problemas no campo das ideias. O segundo fator é a clareza de estilo nos seus escritos políticos, se comparados ao hermetismo de suas obras mais filosóficas. Essa última consideração está aberta ao debate, mas, de outro lado, resta unânime que suas convicções políticas são indissociáveis de sua filosofia.

Há duas formas de coragem que chamam atenção na obra do autor. A primeira, mais evidente, é sua coragem política: sua posição, apesar de liberal, é inspirada no socialismo de Karl Marx. Mesmo em "*Art as experience*", um livro sobre filosofia da arte, ele encontra uma forma de

levantar a discussão socialista e não faz a menor questão de disfarçar; é um homem convicto. A segunda, mais sutil, são os poderosos conceitos de experiência e estética. São conceitos apresentados enquanto ele discute os temas, e assumem formas diferentes de acordo com o momento da discussão; são elementos centrais da sua filosofia, mas em constante mutação. Quando ele distribui sua ideia estética por tantos planos, por vezes é mais coerente, por vezes menos, mas a coerência não é seu objetivo (ou talento) principal. Na discussão desses termos ele expõe, nas idas, vindas e contradições de seu próprio texto, o dinamismo e a riqueza da experiência estética. Essa natural incoerência é a forma original que ele encontrou para o leitor não apenas compreender, mas também sentir a sua linha de raciocínio.

Por último, é necessário frisar que sua ousadia não é absoluta. Dewey não é um autor de ficção, e a atenção dispensada por ele às formas mais sóbrias de exposição e aos dados históricos não pode ser negligenciada. Ele sabe que sua teoria social é estética, e é intencional o caráter artístico do seu texto, mas ele sabe também que a estética é apenas um ângulo da experiência. Se ele considerasse válida apenas a forma mais estética e radicalmente pragmática de comunicação, ele estaria criando uma dicotomia excludente e violando um dos princípios fundamentais de seu pragmatismo.

Referências

DEWEY, John (1931). Qualitative Thought. **Philosophy and Civilization**. New York: Minton, Balch and Co.

_____ (1958). Experience and Nature. New York: Dover.

_____ (1980). **Art as experience**. New York: Perigee.

JAMES, William (1912). **The will to believe**. New York: Longmans, Green and Co.

_____ (1967). **Pragmatismo e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Lido.

KOSNOSKI, Jason (2005) Dewey's social aesthetics. **Polity**, v. 37, n.2, p. 193-215.

MENAND, Louis (2001). **The metaphysical club**. New York: Farrar, Straus and Giroux.